

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**NATHIÉLE GARCIA LOPES**

**MULHERES NA AGRICULTURA FAMILIAR: O FORTALECIMENTO DA SUA  
PARTICIPAÇÃO E AS DESIGUALDADES DE GÊNERO**

**ITAQUI  
2023**

**NATHIÉLE GARCIA LOPES**

**MULHERES NA AGRICULTURA FAMILIAR: O FORTALECIMENTO DA SUA  
PARTICIPAÇÃO E AS DESIGUALDADES DE GÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de  
Agronomia da Universidade  
Federal do Pampa, como requisito  
parcial para obtenção do Título de  
Bacharel em Agronomia.

Orientador: Paulo Roberto  
Cardoso da Silveira.

**ITAQUI  
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

L846m Lopes, Nathiële Garcia

Mulheres na agricultura familiar: o fortalecimento da sua  
participação e as desigualdades de gênero. / Nathiële Garcia  
Lopes.

37 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, AGRONOMIA, 2023.

"Orientação: Paulo Roberto Cardoso da Silveira ".

1. Agricultura familiar. 2. Mulheres na agricultura  
familiar. 3. Desigualdade de gênero. I. Título.

**NATHIÉLE GARCIA LOPES**

**MULHERES NA AGRICULTURA FAMILIAR: O FORTALECIMENTO DA SUA  
PARTICIPAÇÃO E AS DESIGUALDADES DE GÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de  
Agronomia da Universidade  
Federal do Pampa, como requisito  
parcial para obtenção do Título de  
Bacharel em Agronomia.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 03 de julho de 2023.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Cardoso da Silveira  
Orientador  
UNIPAMPA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Luciana Zago Ethur  
UNIPAMPA

---

Prof. Dr. Jonas Anderson Simões das Neves  
UNIPAMPA

Dedico este trabalho aos meus pais em especial minha mãe Rosane, aos meus avós *in memoriam* Antônio e Ambrosina e a todos que torcem pelas minhas conquistas.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus e a nossa Senhora Aparecida, por estarem sempre sendo meus pilares de fé ao longo desta jornada.

Ao meu orientador agradeço por permitir com que eu vivesse as mais diversas experiências através da extensão rural e por acreditar e confiar em mim e no meu potencial.

Aos colegas e amigos de graduação que fiz ao longo destes anos que de alguma forma contribuíram com a minha formação.

Aos professores do curso de Agronomia, por todos os ensinamentos durante este período.

A banca examinadora primeiramente por aceitar meu convite e por contribuírem para meu crescimento pessoal e profissional.

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.”

Cora Coralina

## RESUMO

A agricultura familiar em âmbito nacional tomou caminhos diferentes após a implantação de políticas públicas direcionadas a este segmento, como o Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF); porém, anteriormente, agricultores e agricultoras lutaram por seus direitos, dentre eles, o reconhecimento do papel das mulheres perante o trabalho realizado no campo. A literatura tem ressaltado o fortalecimento da agricultura familiar associado ao recente aumento da participação feminina em atividades que contribuem significativamente com a renda familiar. Com a criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, em 2003, sendo responsável por realizar conferências sobre políticas com orientação de gênero, originaram-se os Planos Nacionais de Políticas para as Mulheres, iniciando-se a participação mais ativa das agricultoras. Devido a este contexto em que são observadas muitas transformações na vida das agricultoras, objetivou-se neste trabalho, compreender o avanço e o fortalecimento das mulheres na agricultura familiar, refletindo sobre as desigualdades de gênero, ainda presentes. Inicialmente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre os objetos de estudo, englobando: a agricultura familiar, agroecologia, o histórico da presença e luta das mulheres na agricultura familiar por seus direitos e sua valorização; posteriormente, foi realizada uma pesquisa a campo com agricultoras do município de Itaqui-RS participantes do projeto AGROECOMULHER, visando analisar e refletir as desigualdades que ainda são encontradas por elas. Esta etapa do trabalho possibilitou o entendimento da importância do papel das mulheres agricultoras, podendo-se afirmar que as desigualdades de gênero ainda encontradas hoje são discutidas e podem ser modificadas perante o âmbito familiar, pois já percebidas por elas. Neste processo, ainda incipiente, estas mulheres buscam ter uma maior liberdade financeira, além de exercer papéis de lideranças não somente no campo, mas perante a sociedade Itaquiense, conquistando assim cada vez mais o seu espaço. Destaca-se que estas desigualdades de gênero, ainda presentes, estão relacionadas ao contexto social brasileiro e com dimensões culturais atreladas à região.

Palavras-chave: Agricultura familiar; Desigualdade de gênero; Trabalho no campo.



## **ABSTRAT**

Family farming nationwide took different paths after the implementation of public policies aimed at this segment, such as the Family Farming Strengthening Program (PRONAF); however, previously, male and female farmers fought for their rights, among them, the recognition of the role of women in the work carried out in the field. The literature has highlighted the strengthening of family farming associated with the recent increase in female participation in activities that contribute significantly to family income. With the creation of the Special Secretariat for Policies for Women, in 2003, responsible for holding conferences on gender-oriented policies, the National Plans for Policies for Women were created, initiating the more active participation of female farmers. Due to this context in which many transformations are observed in the lives of women farmers, the objective of this work was to understand the advancement and strengthening of women in family farming, reflecting on gender inequalities, which are still present. Initially, a bibliographic research was carried out on the objects of study, encompassing: family farming, agroecology, the history of the presence and struggle of women in family farming for their rights and their valorization; subsequently, a field survey was carried out with farmers from the municipality of Itaqui-RS participating in the AGROECOMULHER project, aiming to analyze and reflect on the inequalities that are still found by them. This stage of the work made it possible to understand the importance of the role of women farmers, and it can be said that the gender inequalities still found today are discussed and can be modified in the family context, as they are already perceived by them. In this process, still incipient, these women seek to have greater financial freedom, in addition to exercising leadership roles not only in the field, but in Itaquiense society, thus conquering their space more and more. It is noteworthy that these gender inequalities, still present, are related to the Brazilian social context and cultural dimensions linked to the region.

**Keywords:** Family farming; Gender inequality; Work in the field.

## FIGURAS

Figura 1. Visita a localidade do Curuçú.....	23
Figura 2. Sementes de feijões doadas ao NEA-ITAQUI.....	23
Figura 3. Encontro com lideranças da agricultura familiar no Curuçú. ....	24
Figura 4. Integrantes do NEA-ITAQUI, no 17º Feirão da Agricultura Familiar.....	25
Figura 5. Feirantes e consumidores no 17º Feirão da Agricultura Familiar. ....	25
Figura 6. Imagem do grupo de WhatsApp do projeto AGROECOMULHER.....	26
Figura 7. Envolvimento das mulheres na produção dos alimentos. ....	27
Figura 8. Grau de participação nas decisões da produção. ....	28
Figura 9. Grau de participação nas decisões de comercialização.....	29
Figura 10. Grau de participação nas decisões da gestão da sua casa. ....	30
Figura 11. Participação em sindicatos e/ou cooperativas.....	31

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2.OBJETIVOS</b> .....	13
2.1. Objetivo geral .....	13
2.2. Objetivos específicos.....	13
<b>3.METODOLOGIA</b> .....	13
<b>4. CONTEXTUALIZAÇÃO COM BASE NA LITERATURA</b> .....	14
4.1 Agricultura Familiar: Uma reflexão sobre seu conceito e importância. ....	14
4.2 Agroecologia voltada para as mulheres .....	15
4.3 Mulheres agricultoras: Contexto histórico e seu protagonismo .....	17
<b>5. AS CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA</b> .....	18
5.1 - O Lugar das Mulheres na Agricultura Familiar .....	18
5.2 - As Contribuições da Pesquisa de Campo .....	22
5.3 - Resultados da pesquisa .....	27
<b>7.CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	32
<b>8.REFERÊNCIAS</b> .....	33
<b>9.APÊNDICES</b> .....	36
<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO REALIZADO ÀS MULHERES AGRICULTORAS</b> .....	36

## 1.INTRODUÇÃO

No percurso histórico dos movimentos sociais de agricultores brasileiros, as mulheres rurais constantemente se fazem presentes, mesmo que a sua participação nem sempre tenha sido reconhecida. No sindicalismo rural, inicialmente, houve forças que desejavam a incorporação das mulheres nos quadros sindicais, porém a limitação era que apenas um membro da família poderia ser sindicalizado, sendo dado preferência ao homem (considerado chefe da família). Em 1985, houve o aparecimento público da reivindicação de sindicalização das mulheres, após a mobilização de *Nova Timboteua*, no Pará<sup>1</sup>, e a aprovação de uma moção de apoio à sindicalização das mulheres no IV Congresso da Contag<sup>2</sup>.

Pacheco (2002) relata a importância das atividades das mulheres no conjunto do sistema de produção, propondo projetos que dessem destaque para as mulheres, enquanto sujeitos dos espaços produtivos. Neste sentido, o reconhecimento do valor das mulheres implicaria em uma mudança no trabalho dos técnicos que atuam em projetos junto aos agricultores, pois seria necessário ouvir as mulheres, dar atenção às suas preocupações e reconhecê-las como elementos importantes nas lutas sociais, o que, até então, na prática, ocorria muito esporadicamente (PACHECO, 1997).

Por isso, compreende-se a necessidade de oportunizar a estas mulheres no contexto de uma agricultura familiar cada vez mais direcionada a possibilidade de que possam ser geradoras de renda e tenham a sua autonomia e poder de decisão em questões familiares, produtivas e sociais<sup>3</sup>.

No ano de 1995, no primeiro encontro nacional de mulheres realizado em São Paulo, foi criada a Articulação Nacional das Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR), tendo representantes de dezessete estados do país e tendo como tema principal, a “igualdade para as trabalhadoras rurais”; este espaço permitiu a troca de experiências e reflexões entre as participantes, houveram relatos e observações do quanto elas

---

<sup>1</sup> Mobilização em que as mulheres realizaram uma passeata até a sede da Delegacia Regional do Trabalho, no Pará, exigindo a sua sindicalização.

<sup>2</sup> IV Congresso da Contag - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, onde houve o lançamento do I Plano Nacional da Reforma Agrária.

<sup>3</sup> Isto não significa que nesta agricultura familiar não haja espaço para uma produção mais ecológica, resgatando-se o saber das agricultoras no manejo de seus cultivos e no processamento caseiro de alimentos; nesta perspectiva, o trabalho das mulheres assume ainda mais relevância com demonstra o projeto AGROECOMULHER.

eram desvalorizadas e a constatação de que não tinham o direito de pensar e se manifestar perante a sociedade e, muitas vezes, em seu próprio lar.

A partir da implantação das políticas públicas após 2003, a Agricultura Familiar no Brasil passou a ser vista com uma nova visão, principalmente quando refere-se a visibilidade do trabalho exercido pelas mulheres; com a criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, em 2003, sendo responsável por realizar conferências em âmbito municipal, estadual e nacional, enfocando os direitos e programas voltados para as mulheres, originou-se os Planos Nacionais de Políticas para as Mulheres. E neste processo ocorre a participação mais ativa das mulheres.

O que pode ser observado ao longo da evolução histórica é que as diferenças entre homens e mulheres são construídas pela sociedade, ou seja, o sujeito homem e o sujeito mulher são papéis estabelecidos pela sociedade, diferenciando-se os polos masculino e feminino. Por serem construídos pela sociedade, podem claramente ser modificados; portanto, surge a necessidade de utilizar o termo “gênero”, para que o enfoque seja nas pessoas. E, nessa nova visão, passam a procurar como superar as desigualdades, dentre elas a desigualdade entre mulheres e homens (TORRENS; MENASCHE, 1996). No município de Itaqui-RS, o histórico das mulheres participantes da agricultura familiar indica que sempre estiveram presentes em alguma fase da produção, porém o seu reconhecimento veio ao longo dos anos com o auxílio das políticas públicas governamentais, pois estas estimularam seu protagonismo (DELEON, 2020; CARABAJAL, 2022)<sup>4</sup>.

Conforme a evolução da participação das mulheres em praticamente todas as atividades do setor da agricultura familiar e a criação de políticas públicas desenvolvidas para o setor, elas passaram a ter um papel maior nas atividades desenvolvidas pela família e isso transformou o contexto vivido, trazendo um grande impacto nas relações de gênero que cada vez mais tendem a horizontalizar-se. Devido a isso, o presente trabalho foca nas transformações do papel das mulheres na agricultura familiar, o seu protagonismo e as desigualdades de gênero ainda presentes.

---

<sup>4</sup> Como demonstrado nos trabalhos de DELEON (2020) e CARABAJAL (2022), o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), operado desde 2014 em Itaqui estimulou investimentos nas unidades de produção e iniciativas de atividades coordenadas e executadas pelas mulheres; assume destaque o fato de que o programa possibilita que cada família possa ter duas inscrições de produtor e aumente o limite de valor recebido.

## **2.OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo geral**

Compreender o avanço e o fortalecimento da participação das mulheres na agricultura familiar, refletindo sobre as desigualdades de gênero no município de Itaqui-RS.

### **2.2. Objetivos específicos**

- Realizar uma revisão de literatura sobre: Agricultura Familiar, agroecologia e o histórico da participação das mulheres nas atividades agrícolas;
- Produzir conhecimento sobre o papel das mulheres na agricultura familiar e destacar as transformações que têm sido verificadas;
- Identificar as desigualdades de gênero ainda presentes no contexto estudado.

## **3.METODOLOGIA**

Para Ludke e André (1986), a pesquisa qualitativa pode assumir várias formas, destacando-se, principalmente, a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. Portanto, o presente trabalho caracteriza-se metodologicamente por uma pesquisa de caráter qualitativo, enquadrando-se como um estudo de caso. Como procedimento de pesquisa, utilizou-se três etapas para a sua realização: na primeira etapa, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a agricultura familiar, agroecologia e o papel das mulheres na agricultura familiar, visando uma compreensão destes temas como embasamento para o estudo.

Na segunda etapa, foi realizada uma pesquisa a campo, tendo como público-alvo as lideranças da agricultura familiar do município de Itaqui (informantes-chaves), pretendendo-se obter elementos sobre a realidade vivenciada e dialogar com o contexto da agricultura itaquense. Na terceira etapa, foi efetivado um diálogo com mulheres agricultoras do município de Itaqui, visando conhecer sua percepção e compreensão do objeto de estudo; problematizou-se quais foram os seus avanços percebidos ao longo dos anos e como está o cenário atual sobre as desigualdades de gênero ainda existentes. Esta pesquisa com as mulheres agricultoras, foi realizada utilizando-se diversos instrumentos, como visitas nas feiras em que as mulheres agricultoras participam para venda de seus produtos semanalmente, onde nestas

ocasiões pode-se coletar informações através de um roteiro de questões utilizando a técnica de entrevista semiestruturada. Além disso é importante destacar a observação participante realizada no feirão da agricultura familiar realizado em 03 de junho de 2023 e nas visitas ao Curuçu onde este instrumento torna-se fundamental por permitir uma análise que vai além do discurso das mulheres, adentrando em elementos que as relações cotidianas e fatos específicos possibilitam inferir.

#### **4. CONTEXTUALIZAÇÃO COM BASE NA LITERATURA**

##### **4.1 Agricultura Familiar: Uma reflexão sobre seu conceito e importância.**

Inicialmente, o conceito de *Agricultura* transformou-se no século XX, após a Segunda Guerra Mundial, sendo que a partir da década de 60 com apoio de instituições internacionais como centros de pesquisa e da FAO - Food and Agriculture Organization, disseminou-se pelo mundo a chamada “Revolução Verde”.<sup>5</sup> Na região sul do país, os agricultores são em sua maioria descendentes de imigrantes alemães, italianos e poloneses, sendo conhecidos como colonos, os quais desenvolvem uma agricultura com base no trabalho familiar e que modernizaram intensamente seus sistemas de produção; neste movimento, integraram-se, cada vez mais.

O movimento sindical dos trabalhadores rurais, ligados à Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) e ao Departamento Nacional de Trabalhadores Rurais da Central Única dos Trabalhadores (DNTR/CUT<sup>6</sup>), direcionaram suas reivindicações nas lutas por direitos dos agricultores familiares e provocaram a ampliação das políticas públicas voltadas à agricultura familiar. (MEUS, 2019). Destas lutas resultaram o reconhecimento da agricultura familiar como setor específico com características singulares e fortalecido com a criação do Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF (BRASIL, 1996); este processo

---

<sup>5</sup> A revolução verde é considerada como a geração e difusão de tecnologias agrícolas que permitiram um aumento considerável na produção, sobretudo em países menos desenvolvidos, o que ocorreu principalmente entre 1960 e 1970, a partir da modernização das técnicas utilizadas (OCTAVIANO, 2010). Estas técnicas envolvem a mecanização do trabalho agrícola (aumentando a produtividade do trabalho), os fertilizantes industriais (aumentando a produtividade da terra) e as chamadas variedades de alto rendimento, as quais representam o aumento do potencial genético dos cultivos agrícolas.

<sup>6</sup> A CUT Rural transformou-se em FETRAF-SUL. É uma organização que articula a luta política integrada com organizações de caráter econômico ou social com alternativas para agricultores e agricultoras familiares.

consolida-se com a Lei 11.326/2006, sendo a primeira a fixar diretrizes para o setor (BRASIL, 2006). Esta lei estabeleceu que, para ser considerada familiar, a unidade de produção agrícola precisa enquadrar-se em um conjunto de indicadores, dentre eles: não deter área maior que quatro módulos fiscais; utilizar predominantemente mão de obra da própria família; atingir o percentual mínimo da renda familiar advinda do seu empreendimento; e que o empreendimento deve ser dirigido pela própria família. O termo *Agricultura Familiar* teve maior ampliação a partir desta Lei, nos meios acadêmicos, nas políticas de governo e em movimentos sociais onde adquiriu novos significados (ALFATIN, 2007).

Dentre as características da agricultura familiar, destacam-se a significativa diversidade regional e a multiplicidade das atividades desenvolvidas, onde se pode citar: agricultura, silvicultura, aquicultura, extrativismo e pesca. Na definição da agricultura familiar inserem-se os povos indígenas, comunidades tradicionais e remanescentes de quilombos – desde que todos atendam às exigências acima citadas (GENARO; BRANDÃO, 2022). Ou seja, o conceito de agricultor(a) familiar é inspirador de programas de governo, o que faz com que haja uma garantia de acesso às políticas públicas disponíveis para produção e compras públicas (os chamados mercados institucionais). Políticas estas que garantem melhores condições aos agricultores na reprodução social de suas famílias; segundo Pierri e Valente (2009), foi por meio de um conjunto de políticas voltadas para a agricultura familiar, através das quais em 2003 foram destinados recursos financeiros para o segmento. Políticas como crédito especial<sup>7</sup>, garantia de preço, seguro agrícola, entre outras, fortaleceram a agricultura familiar.

#### 4.2 Agroecologia voltada para as mulheres

A agroecologia é uma abordagem da agricultura que incorpora cuidados especiais relativos ao ambiente, assim como aos problemas sociais, focando não somente na produção, mas também na sustentabilidade ecológica do sistema de produção. (HECHT, 2002, p. 26). Trata-se de um novo paradigma para o desenvolvimento rural que integra conhecimentos populares e científicos. Este campo

---

<sup>7</sup> O PRONAF passa a ter uma variedade de tipos, cada um orientado para fins específicos, criando várias possibilidades de crédito para uma família; como exemplo pode-se citar o Pronaf Agroindústria, o Pronaf Jovem, o Pronaf Agroecologia e o Pronaf Mulher; este último teve efeito relevante no sentido de promover investimentos para atividades coordenadas por mulheres.



do conhecimento apresenta a necessidade de reconsiderar e de reconstruir não apenas a forma de produzir e tratar a terra, mas as relações com a natureza e o respeito aos biomas; mas também deve-se salientar que “aponta a necessidade de construção de relações mais igualitárias e equitativas com o outro, seja este outro o ambiente ou outro ser humano” (ANA, 2008, p. 68). Um dos aspectos considerados relevantes para que a agroecologia se desenvolva como princípio orientador das práticas agrícolas, é a problematização da desigualdade de gênero.

Segundo Marra et. al., (2017), a agroecologia é uma bandeira geralmente associada à luta das mulheres do campo; e a análise da trajetória dos movimentos de mulheres nos oferece respostas sobre a origem desta relação. A agroecologia, muitas vezes, é baseada na prática da mulher rural, a qual é baseada em saberes tradicionais herdados da ancestralidade, como o cuidado em preservar a terra e as sementes crioulas<sup>8</sup>, criando relações de solidariedade e partilha na comunidade. Sendo assim, o debate sobre agroecologia deve ir além das pesquisas e à academia, devendo ser algo debatido nos movimentos sociais com a participação de agricultores e agricultoras.

A partir da criação da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), em 2002, houve a unificação e consolidação de uma aliança política para a promoção da agroecologia, envolvendo representações de todos os setores e gêneros. As feiras ecológicas, existentes em quase todas as regiões do país, embora ainda pequenas em vendas e em abrangência geográfica, funcionam como símbolo de como o movimento agroecológico cresceu enquanto proposta produtiva e de organização social nesses aproximadamente trinta anos de existência (ANA, 2006). Através desta afirmação, podemos acrescentar que no ano de 2023, ou seja, no passar destes dezessete anos, as vendas e a abrangência geográfica das feiras ecológicas aumentaram em larga escala, pois cada vez mais as pessoas procuram comprar alimentos que sejam cultivados de uma forma mais saudável possível.

---

<sup>8</sup> São sementes herdadas como herança das suas ancestrais, as quais representam a conservação de um material genético mais adaptado aos agroecossistemas.

### 4.3 Mulheres agricultoras: Contexto histórico e seu protagonismo

Historicamente, as desigualdades de gênero ocorriam no que diz respeito às condições econômicas e com relação à realização de projetos autônomos de vida; porém, com a criação do PRONAF mulher, as mulheres puderam alterar esta realidade e enfim realizarem financiamentos específicos para suas produções. O trabalho das mulheres tradicionalmente era visto como invisível e somente o papel de mãe e esposa era reconhecido por familiares e perante a sociedade. De acordo com Siliprandi, (2015), os fatores que favoreceram a melhoria da situação das mulheres na produção agroecológica a partir dos anos 2000, foi de que a agroecologia valorizava as atividades tradicionalmente exercidas pelas mulheres dentro do sistema de produção familiar como hortas, pomares e transformação caseira de produtos; a forma como se dava a transição para a agroecologia pressupunha a participação de todos os membros da família, porque exigia a integração do conjunto das atividades da propriedade, muitas vezes sob responsabilidade de diferentes pessoas, quebrando o monopólio gerencial do homem; a participação das mulheres em espaços públicos, principalmente onde se realizava a comercialização (como as feiras), permitia o contato com públicos externos à propriedade, assim como a aquisição de novos conhecimentos e habilidades, possibilitando o reconhecimento social do trabalho desenvolvido por elas, gerando-lhes maior autoestima; o fato de as mulheres poderem obter, por si mesmas, rendas mais permanentes, recebidas por elas individualmente e fruto direto do seu trabalho, tendia a melhorar o seu poder de barganha dentro das famílias, permitindo avanços quanto à sua autonomia.

Quando buscamos na literatura a relação entre gênero e agroecologia, encontramos abordagens de autores que por mais que contraditórias entre si, são importantes para a compreensão e a reflexão sobre este tema:

*Gênero e agroecologia devem ser integrados, incorporada à perspectiva de gênero, a agroecologia reconhece as diferenças biológicas de mulheres e homens, assim como a desigualdade de gênero, portanto, promove alternativas de eficiência e equidade em suas funções (CHAMOCHUMBI, 2002).*

Diferentemente, outra visão se expressa:

*A interação agroecologia e gênero não ocorre porque: falta de conhecimento de técnicos com o tema; falta de visão crítica da posição das mulheres na família, no sistema produtivo e sociedade; associação de agroecologia e gênero ao papel tradicional da mulher; resistência de técnicos na promoção de gênero (BUSTINZA, 1997).*

Segundo Siliprandi (2015), às relações de poder determinam igualmente as condições de participação dos homens e mulheres nos espaços de decisão sobre os rumos da sociedade, e, portanto, na construção do desenvolvimento rural sustentável, além disso dona Adélia Schmitz, a qual foi líder do MMC (Movimento de Mulheres Campesinas) e MMA (Movimento de Mulheres Agricultoras), relatava que “estes movimentos reuniam as mulheres rurais para pedir a libertação da mulher, sindicalização, documentação, direitos previdenciários e participação política”. Para as militantes do MMC, acreditar na relação entre mulher e vida era algo que lhes dava motivação e legitimidade para lutarem por melhores condições de alimentação e saúde, tanto da humanidade, quanto da terra (PAULILLO; SILVA, 2007).

Através dos movimentos, as mulheres conquistaram o reconhecimento da sua profissão, salário maternidade e aposentadoria rural, lutando também pela construção de uma nova sociedade com igualdade de direitos. Eram movimentos formados por agricultoras, sejam arrendatárias, meeiras, ribeirinhas, posseiras, bóias-frias, diaristas, parceiras, extrativistas, quebradeiras de coco, pescadoras artesanais, quilombolas, sem-terra e assentadas da reforma agrária, compondo uma diversidade de mulheres em busca da superação da sua condição de subalternidade<sup>9</sup>.

## **5. AS CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA**

### **5.1 - O Lugar das Mulheres na Agricultura Familiar**

Primeiramente, após ouvir um PodCast intitulado *Mulheres Semeando a Vida*, pode-se observar que as mulheres em diferentes regiões do Brasil apresentam

---

<sup>9</sup>Estado ou sensação de dependência, de inferioridade.

situações de adversidades comuns. Como relatado, problemas com a falta de internet e luz, principalmente em comunidades indígenas e camponesas. Sabe-se que muitas mulheres iniciaram na infância o contato com a natureza e a agricultura, o que as motivou para participar de movimentos e das lutas por seus direitos. Eram estimuladas a plantar, guardar e trocar as sementes crioulas, além de recuperar as sementes ao longo das oficinas criadas.

O Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) tinha como objetivo recuperar, compartilhar e cuidar o armazenamento das sementes crioulas, guardadas como uma herança. Além disso, estas mulheres preservam a biodiversidade, nutrem o solo e preservam os fluxos característicos da natureza.

Muitas mulheres do MMC nasceram em comunidades que não eram reconhecidas e valorizadas pelos poderes públicos no passado e, que mesmo atualmente, ainda apresentam precariedades como falta de energia elétrica, por exemplo. Estas mulheres cultivam variedades de feijão, vagens e milho, seguindo o trabalho de seus ancestrais; aprenderam a preservar as sementes desde criança, sendo intituladas como *guardiãs das sementes*. O movimento envolve uma história de respeito pela preservação da Biodiversidade. A dimensão simbólica apresenta papel importante, sendo que é comum nos encontros de mulheres sempre haver a troca de sementes, mudas e o que elas produzem.

As mulheres consideram-se também *guardiãs da floresta* por ter respeito pelos ecossistemas florestais, pela água, pelas sementes crioulas, além de produzirem de uma maneira agroecológica. Também, fazem práticas de cuidados com os ecossistemas, como reflorestamento com espécies nativas, pois além de preservar, promovem a biodiversidade nas suas terras, realizando a preservação e renovação da fertilidade do solo.

Quando falamos de sementes crioulas e nativas, falamos de ancestralidade, resistência e esperança. A semente faz pensar em uma sociedade do cuidado, do amor, da solidariedade e que transforma relações, a forma de produção e de consumo. Em 2001, o programa de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas no Estado de Santa Catarina (SC), resgatou sementes que mães e avós cultivavam no passado, realizando uma rede de troca para fortalecer a terra e o modo de fazer agricultura inspirado na agroecologia. Já, no Estado do Rio Grande do Sul (RS), a Embrapa Clima Temperado possui um projeto intitulado como Guardiões de

Sementes Crioulas, onde são articuladas experiências de manejo da agrobiodiversidade em distintas regiões do RS (NORONHA, 2018).

Ainda segundo o autor supracitado, o projeto iniciado em 2001, com uma troca de sementes no município de Ibarama, localizado na região Central do Estado, foram identificadas 14 variedades de milhos crioulos e a partir daí o projeto e o movimento difundiram-se; em 2012 essa variedade aumentou para 30 e foram identificadas em torno de 40 variedades de feijões, todas sob os cuidados dos guardiões de Ibarama. Além disso, buscaram utilizar em seus territórios cultivos adequados com plantas diversificadas, onde as áreas são degradadas.

Em 2014, o projeto de reflorestamento iniciou em SC e no ano de 2017 houve o plano de gestão territorial das terras indígenas, assumindo-se o projeto de retirar os *Pinus* (*Pinus elliottii*) e fazer reflorestamento e recuperação de nascentes com a utilização de árvores nativas, frutíferas, plantas medicinais, além de recuperação da fauna.

Outro aspecto que foi trabalhado com estas mulheres foi a agrobiodiversidade, ou seja, os chamados “quintais produtivos”<sup>10</sup>, onde encontram-se verduras, alimentos, animais, pomares, embelezamento, flores, plantas medicinais, alimentos diversificados; mostra-se que mesmo em espaços urbanos reduzidos pode haver a inspiração de implementar este projeto como uma forma de soberania alimentar. Além disso, a preservação das sementes é algo decisivo para o manejo do solo, preservação ambiental e cultural;

A agroecologia como ciência busca contribuir na constituição de agroecossistemas sustentáveis e garantir o respeito à diversidade cultural com objetivo de segurança alimentar. Entende-se que a Agroecologia vai além do conjunto de princípios, sendo fundamental ser compreendida como um modo de vida (BALEM; SILVEIRA, 2002); neste sentido, se exige uma postura em relação à natureza e a atividade agrícola. No encontro do MMC de comemoração de seus 30 anos, tendo como temática a segurança alimentar, foram salientados a importância do fortalecimento da relação das mulheres com a terra, através da utilização de adubos orgânicos, como folhas velhas e esterco; na mesma perspectiva, foi dialogado sobre o problema com a falta de água, devido aos rios ficarem longe da comunidade,

---

<sup>10</sup> São chamados quintais produtivos, áreas em que são localizados ao redor das residências e que possuem ampla biodiversidade de espécies.

debatendo-se sobre a disputa de capital, a qual faz com que ocorra a opressão das mulheres.

O que favoreceu o reconhecimento das mulheres na agricultura familiar foi a valorização das atividades que eram tradicionalmente desenvolvidas por elas, como hortas, pomares, criação de pequenos animais; e diante de políticas públicas que estimulam o envolvimento delas em diversas etapas de produção, observa-se uma mudança no papel ocupado pelas mulheres.

A pressão de ONGs, do Estado e de movimentos de mulheres rurais, fez com que a presença das mulheres em cursos e seminários fosse cada vez maior. Além disso, a participação em feiras, fez com que estas mulheres tivessem contato com o público externo e realizassem a venda de seus próprios produtos, gerando assim a sensação de empoderamento por adquirirem o seu próprio dinheiro, aumentando a sua autonomia, além do contato direto com consumidores de seus produtos (com a correspondente valorização).

As reivindicações das mulheres, segundo a pesquisadora Maria José Carneiro, significavam a sua afirmação como sujeitos produtivos da agricultura familiar e a aceitação do seu papel de gênero tradicional, como produtoras de alimentos (SILIPRANDI, 2015). Vários trabalhos na literatura têm ressaltado o fortalecimento da agricultura familiar, associado ao recente aumento da participação feminina em atividades que contribuem significativamente com a renda familiar (CARABAJAL, 2022).

Em 2013, foi lançado o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica pelo governo federal, fazendo referência às reivindicações das mulheres e reconhecendo a força do movimento que as representa. Em 2023, o governo federal lançou o *Programa de Organização Produtiva e Econômica de Mulheres Rurais*, objetivando efetivar uma política pública capaz de estimular os processos produtivos e econômicos, além de valorizar o trabalho e a autonomia econômica das mulheres do campo, das águas e da floresta. O Decreto nº 11.452, de 22 de março de 2023, permite o acesso das mulheres rurais a programas de fomento produtivo e crédito rural, compras públicas da agricultura familiar e apoio a infraestrutura hídrica, assistência técnica e extensão rural, além do beneficiamento e industrialização dos alimentos em mercados locais, regionais e internacionais, (BRASIL, 2023).

## 5.2 - As Contribuições da Pesquisa de Campo

A realização da pesquisa a campo ocorreu em diferentes momentos:

a) a primeira foi realizada no dia 28 de maio de 2023, através de uma visita e conversas informais realizadas na residência de duas agricultoras, onde foram obtidas informações pertinentes que dizem respeito ao contexto vivenciado por essas mulheres no meio rural. Segundo uma das agricultoras, uma das adversidades maiores que ela enfrenta é a falta de escolaridade, o que faz com que muitas vezes tenha dificuldade quando se trata de documentos e pagamentos. Além disso, ela relata que os jovens não têm o costume de se envolver nestas atribuições, citando que a sua filha possui mais estudos que ela, porém não assume este tipo de atividade.

Neste mesmo dia, na visita em outra residência encontrou-se uma agricultora que pode ser considerada como “guardiã de sementes”<sup>11</sup>, pois possui em torno de seis espécies de sementes de variedades de feijão que estão armazenadas e sendo reproduzidas por muito tempo; inclusive realizou a doação de algumas para o grupo de estudos para fins de pesquisa e realização de experimentos, como podemos observar nas figuras 1 e 2.

---

<sup>11</sup> Trata-se de uma ancestralidade camponesa, para preservar e multiplicar as sementes crioulas.





Figura 1. Visita a localidade do Curuçu.



Figura 2. Sementes de feijões doadas ao NEA-ITAQUI.



b) O segundo momento de pesquisa foi realizado por meio de uma visita realizada na localidade do Curuçu na realização de uma Sessão Descentralizada da Câmara de Vereadores de Itaqui; na oportunidade houve uma fala de uma senhora que é considerada uma líder entre as agricultoras do Curuçu (figura 03). Esta senhora contou que atualmente a situação em que se encontram as mulheres é em torno de 90% melhor do que quando eram mais jovens, nos relatando que antigamente as coisas eram mais difíceis para elas devido a falta de energia, água encanada e tecnologias para atividades agrícolas; porém, ela relata que em relação ao papel da mulher ainda precisam de algumas políticas de apoio que sejam voltadas especialmente a elas que são agricultoras, pois entende que as mulheres trabalham o mesmo período que os homens no campo e ainda realizam seus afazeres domésticos. Ou seja, elas ocupam uma condição especial.



Figura 3. Encontro com lideranças da agricultura familiar no Curuçu.

c) O terceiro momento da pesquisa foi realizado em duas etapas, sendo a primeira através de visitas às feirinhas semanais que ocorrem na sede do município de Itaquí-RS e no feirão da Agricultura Familiar realizado no dia 03 de junho de 2023. Nestas ocasiões foi possível continuar a investigação, dialogar e aplicar um questionário junto às mulheres agricultoras que participam destas feiras. E na segunda etapa realizou-se uma ação de coleta de informação, através das mulheres que participam do grupo de WhatsApp do projeto AGROECOMULHER, onde foi significativa a participação de todas.



Figura 4. Integrantes do NEA-ITAQUI, no 17º Feirão da Agricultura Familiar.



Figura 5. Feirantes e consumidores no 17º Feirão da Agricultura Familiar.



Figura 6. Imagem do grupo de WhatsApp do projeto AGROECOMULHER.

Baseando-se na estratégia investigativa detalhada inicialmente, puderam ser obtidas informações através da aplicação do questionário, que permitem entrelaçar as considerações sobre o objeto de estudo do presente trabalho.

As mulheres agricultoras entrevistadas são da localidade do Curuçu interior do município de Itaqui, e já possuem laços afetivos com a equipe do projeto AGROECOMULHER, o que possibilitou e facilitou a pesquisa realizada.

### 5.3 Resultados da pesquisa

Observa-se na figura 7, que das oito mulheres que responderam à pesquisa, cinco responderam que o grau do seu envolvimento na produção de alimentos é considerado alto e três responderam que o seu envolvimento é considerado médio, ou seja, 62,5% das mulheres têm um alto envolvimento e 37,5% têm médio envolvimento. O que se pode concluir que com o passar dos anos as mulheres passam a participar muito mais da produção agrícola. Tal aspecto já tinha sido observado neste mesmo contexto, inferindo-se que as mulheres na agricultura familiar, através dos anos, têm vivenciado mudanças em sua participação no trabalho e gestão das unidades de produção agrícola, muito como efeito das políticas públicas (CARABAJAL, 2022).

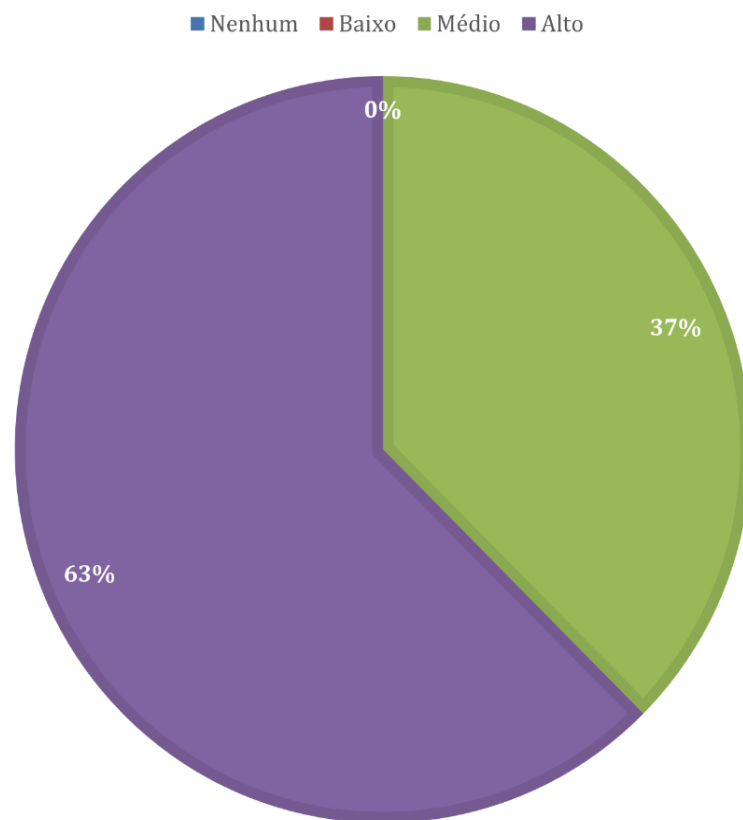


Figura 7. Envolvimento das mulheres na produção dos alimentos.

Nota-se na figura 8, que das oito mulheres que responderam à pesquisa, 12,5% disseram que a sua participação nas decisões da produção é baixa, enquanto 62,5% apresentam uma participação média e 25% têm uma participação alta. Nota-se que mesmo com a constante evolução do papel das mulheres, ainda existem algumas que participam pouco das decisões familiares; pois de acordo com Bezerra; Pinheiro; Melo Júnior, (2018), mesmo tendo alcançado uma relativa possibilidade de gestão de um “mínimo financeiro”, as mulheres agricultoras persistem na situação de “ausência da autonomia e emancipação política”, como resultado da tradicional cultura patriarcal, bastante arraigada em pleno século XXI.

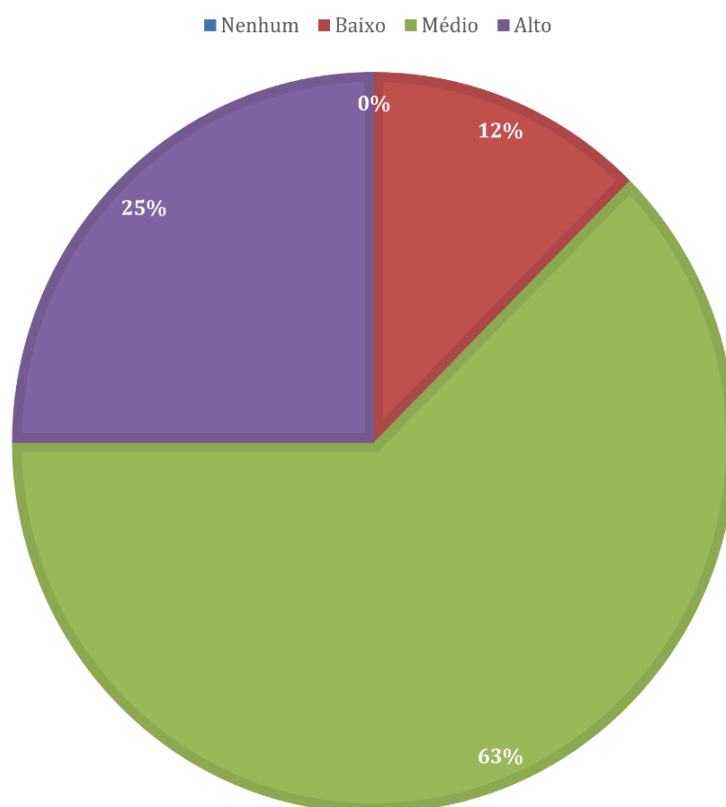


Figura 8. Grau de participação nas decisões da produção.

A figura 9, apresenta que das oito mulheres que responderam à pesquisa, pode ser observado que 75% disseram que sua participação nas decisões de comercialização é alta, enquanto 25% das mulheres responderam ter uma participação média. Ou seja, isto representa que na agricultura familiar do município de Itaqui-RS, tradicionalmente, o papel principal das mulheres agricultoras foi a participação nas vendas em feiras; segundo Carabajal (2022), é fundamental a participação das mulheres, pois são responsáveis por apresentar produtos de boa qualidade, tendo destaque os panificados, doces e conservas, mel, mandioca (hoje já embaladas a vácuo), hortigranjeiros; estes produtos são em sua maioria oriundos das tradicionais “atividades de mulher”.

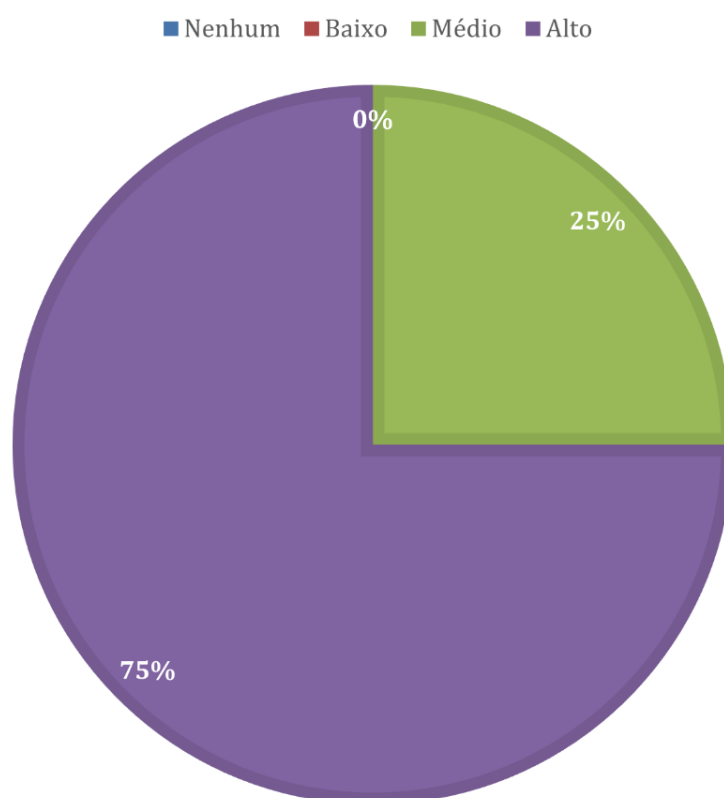


Figura 9. Grau de participação nas decisões de comercialização.



A figura 10, apresenta que das oito mulheres que responderam à pergunta em relação ao grau de participação nas decisões de gestão, 12,5% responderam que a sua participação é baixa, 37,5% têm uma participação média e 50% apresentam uma participação alta. Portanto, pode-se afirmar que as mulheres apresentaram um avanço significativo ao longo dos anos, porém de acordo com Carabajal (2022), o meio rural ainda conserva tradições e verifica-se que, muitas vezes, as mudanças nas relações de gênero não ocorrem na mesma velocidade que nos sistemas produtivos.

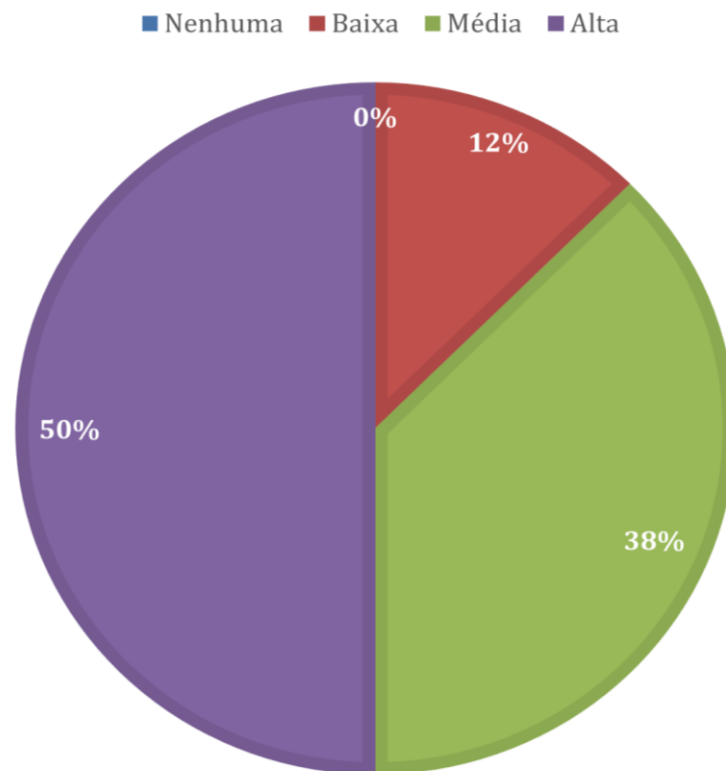


Figura 10. Grau de participação nas decisões da gestão da sua casa.

Na figura 11, ao perguntar para as mulheres entrevistadas se elas participam de sindicatos e/ou cooperativas, todas responderam que participam, totalizando 100% das entrevistadas. Justifica-se, primeiramente, pelo município de Itaqui, apresentar um Sindicato dos Trabalhadores Rurais ativo<sup>12</sup>, o qual está sempre atuando e capacitando agricultoras, além das associações dos moradores do Curuçu, importantes na gestão de máquinas e equipamentos junto ao poder público e a criação de agroindústrias, como a Agroalimentos Curuçu e a Doce Lar panificados. Deve-se destacar o papel atuante das mulheres na vida pública, o que certamente significa uma mudança acontecida recentemente.

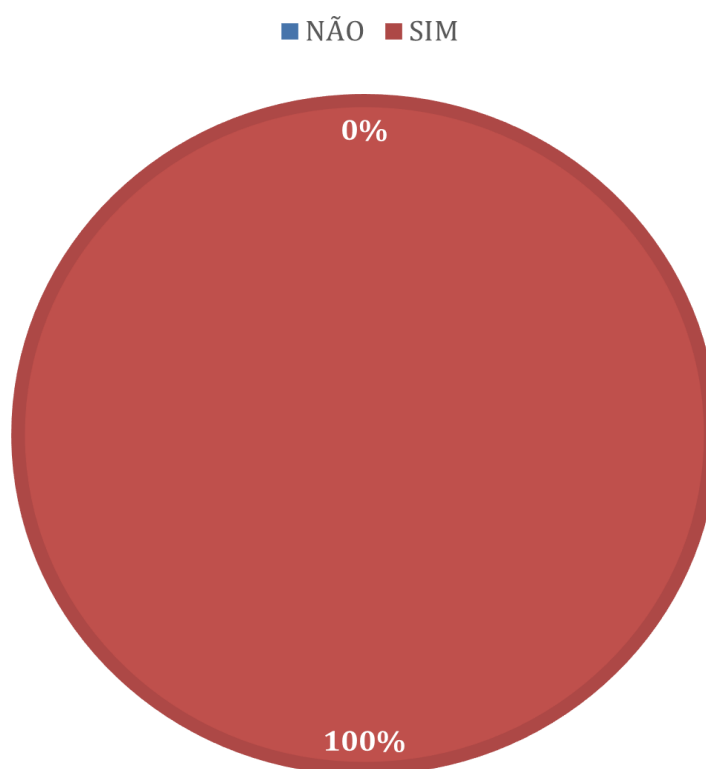


Figura 11. Participação em sindicatos e/ou cooperativas.

---

<sup>12</sup> No entanto, segundo o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itaqui e Maçambará, o índice de agricultores e agricultoras sindicalizados é considerado baixo. O comportamento da amostra relaciona-se à característica das mulheres participantes da pesquisa, as quais estão mais aproximadas do poder público, do serviço de ATER e dos projetos da Universidade, apresentando maior número de informações e mais intensa atividade sociopolítica.



## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após a realização do presente trabalho em cada uma de suas etapas, pode-se observar que as mulheres na agricultura familiar sempre estiveram presentes, mantendo-se lutando pelo reconhecimento do seu trabalho, além de participarem de todas as etapas de produção. Estas mulheres sempre estiveram mais próximas das práticas de uma agricultura ecológica e da agroecologia, o que se observou quando o projeto AGROECOMULHER propôs formações para que as mulheres da localidade do Curuçú pudessem ter acesso a práticas agroecológicas; o interesse delas em participar foi satisfatório, porém os esforços destas mulheres somente foram reconhecidos após a criação das políticas públicas que foram direcionadas a elas, o que facilitou o acesso ao crédito.

Observa-se, através das pesquisas realizadas, que o contexto da desigualdade de gênero ainda precisa ser modificado, principalmente no tocante ao âmbito familiar; estas mudanças fazem parte de um processo de superação da situação de desigualdade de gênero perante a sociedade. Estas adversidades ao ser modificadas possibilitam que estas mulheres tenham o seu espaço devidamente conquistado, apesar de já participarem de sindicatos e associações, sendo ativas em decisões importantes em relação à comercialização, produção e gestão de suas propriedades.

Com base nos trabalhos realizados pelo NEA-ITAQUI, nota-se que há um avanço na superação das adversidades de gênero no caso das agricultoras do município de Itaqui, onde as mulheres participam ativamente de reuniões e formações propostas pelo grupo e, principalmente, participam ativamente das feiras. Além disso, em suas propriedades são elas que cuidam das hortas e têm o cuidado de realizar as atividades com práticas ecológicas, como a utilização de biofertilizantes a base de húmus, utilizando sementes crioulas e a prática de rotacionar as culturas.

## 8.REFERÊNCIAS

ALFATIN, I. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar.** 2007.

ANA. **Mulheres construindo a Agroecologia.** Caderno do II Encontro Nacional de Agroecologia. Rio de Janeiro, 2008.

ASSIS, W. S. **O discurso sobre o desenvolvimento sustentável nas organizações de trabalhadores rurais: uma reflexão a partir dos documentos da CONTAG.** Agr. Fam. Belém, p. 123-146 2005/2008.

BALEM, T. A.; SILVEIRA, P. R. C. **Agroecologia: além de uma ciência um modo de vida e uma política pública.** V Simpósio Latino-americano sobre Investigação e Extensão em Pesquisa Agropecuária - IESA. V Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção - SBSP. 2002.

BEZERRA, D. M.; PINHEIRO, H. D. S.; MELO JÚNIOR, L. C. M. **Relações de Gênero no Meio Rural: o Papel da Mulher na Agricultura Familiar da Comunidade Vila Nova, Capanema, Nordeste Paraense.** Cadernos de Agroecologia, V. 13, N. 2, Dez. 2018

BRASIL. Decreto nº 1946, de 28 de Junho de 1996. **Cria o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF, e da Outras Providências.** Diário Oficial da União. Brasília, DF, v.6, p.11854. 28 jun.1996. Seção 1.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de Julho de 2006. **Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais.** Diário Oficial da União. Brasília, DF, p.01. 25 jul. 2006. Seção 1.

BRASIL. Decreto nº 11.452, de 22 de março de 2023. **Institui o Programa de Organização Produtiva e Econômica de Mulheres Rurais e o seu Comitê Gestor.** Diário Oficial da União. Brasília, DF, n.57, p.04. 23 mar. 2023. Seção 1.

BUSTINZA, Y. M. **Agroecología y género: una mirada al futuro o una situación coyuntural?** America Latina en Movimiento. Disponível em: <<https://www.alainet.org/es/articulo/106365>>. Acesso em: 03 de maio de 2023.

CARABAJAL, C. L. I. **Agroecomulher: o Protagonismo das Mulheres Agricultoras Familiares de Itaqui-RS.** 2022.

CHAMACHOMBI, W. **El agroecologia y la género: matrimonio forzado o feliz sirvinacuy?** Disponível em: <<http://www.bvsde.paho.org/bvsast/e/ocupfle/yuca2.pdf>>. Acesso em: 01 de maio de 2023.

DELEON, R. S. **Programa de Aquisição de Alimentos no município de Itaqui.** 2020.

GENARO, K. P.; BRANDÃO, A. A. P. **Mulheres na Agricultura Familiar (AF): caracterização do perfil de agricultoras familiares no estado do Rio de Janeiro.** 2022.

ISLA, A.; NOBRE, M.; MORERNO, R.; IYUSUKA, S. S.; HERRERO, Y. **Economia feminista e ecológica: resistências e retomadas de corpos e territórios.** São Paulo: SOF Sempre Viva Organização Feminista, 2020.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MARRA, C. A.; DE JESUS, L. M. K. **As contribuições dos Movimentos de Mulheres Rurais para o avanço da pauta agroecológica no Brasil: participação social na construção e consolidação da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica.** Florianópolis, 2017.

MENEZES, D. B.; BOCK, C. V. E. **PERFIL DAS MULHERES RURAIS DO RIO GRANDE DO SUL.** Relatório Técnico: março de 2022.

MEUS, A. G. A. **A agricultura familiar de Itaqui – RS: Um estudo exploratório com base na análise - diagnóstico dos sistemas agrários.** 2019.

NORONHA, A. D. H. **Guardiões de sementes crioulas: construção do conhecimento para a preservação da agrobiodiversidade pelos agricultores familiares de Ibarama, RS.** Brasília, DF: Embrapa, 2018.

OCTAVIANO, Carolina. **Muito além da tecnologia: os impactos da Revolução Verde.** ComCiência, Campinas, n.120,2010. Disponível em <[http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542010000600006&lng=pt&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000600006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 12 de junho de 2023.

PACHECO, M. E. L. **Sistemas de produção: uma perspectiva de gênero.** *Revista Proposta*. Rio de Janeiro, v. 25, n. 71, p. 30-38, dez./fev. 1997.

PACHECO, M. E. L. **Em defesa da agricultura familiar sustentável com igualdade de gênero.** In: GT Gênero – Plataforma de Contrapartes Novib/SOS Corpo. *Perspectivas de gênero: debates e questões para as ONGs*. Recife: Gênero e Cidadania, 2002.

PAULILLO, M. I.; SILVA, C. B. **A luta das mulheres agricultoras: entrevista com Dona Adélia Schmitz.** 2007.

PIERRI, M.; VALENTE, F. **A feira livre como canal de comercialização de produtos da agricultura familiar.** Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/15/234.pdf>>. Acesso em: 12 de abril de 2023.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

TORRENS, J. C.; MENASCHE, R. **Gênero e Agricultura familiar: cotidiano de vida e trabalho na produção de leite.** 1996.

## **9.APÊNDICES**

### **APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO REALIZADO ÀS MULHERES AGRICULTORAS**

Foram realizadas cinco perguntas para as agricultoras, as quais foram devidamente elaboradas, planejadas e aplicadas conforme o cronograma das atividades, entre os meses de maio e junho.

**1. Qual o seu grau de envolvimento na produção de alimentos?**

( ) Nenhum ( ) Baixo ( ) Médio ( ) Alto

**2. Qual seu grau de participação nas decisões da produção?**

( ) Nenhum ( ) Baixo ( ) Médio ( ) Alto

**3. Qual o seu grau de participação nas decisões de comercialização?**

( ) Nenhum ( ) Baixo ( ) Médio ( ) Alto

**4. Qual o seu grau de participação nas decisões da gestão da sua casa?**

( ) Nenhum ( ) Baixo ( ) Médio ( ) Alto

**5. Você participa de sindicatos e/ou cooperativas?**

( ) Sim ( ) Não